

Resenha de: ZIRKER, Daniel. *Forging military identity in Culturally Pluralistic Societies: quasi-ethnicity*. Maryland: Lexington Books, 2015

SUZELEY KALIL MATHIAS

Conhecido no Brasil por suas pesquisas a respeito das forças armadas (FFAA) e participação militar na vida política e econômica do país, Daniel Zirker acaba de organizar uma obra que tem tudo para tornar-se referência nos estudos militares, mais especificamente da relação entre construção de regimes democráticos e a inserção das forças armadas nestes regimes. Trata-se de *Forging military identity in Culturally Pluralistic Societies: quasi-ethnicity*, ainda sem tradução brasileira.

O livro é uma reunião de seis trabalhos, cinco dos quais sobre países africanos, três colonizados pelos ingleses na África oriental – Tanzânia, Uganda e Quênia –, dois por franceses, um na África ocidental – Guiné (Conacri) –, e outro no norte – Argélia – e um sul-americano, o Suriname. Em comum todos eles têm a independência tardia das suas metrópoles, e a construção de um novo Estado sob condições bastante adversas, de guerras civis sangrentas e dolorosas. Em todos eles, o centro da discussão é a construção da identidade militar em conjunto com a edificação do regime político.

Mas porque um livro que trata de alguns países da África e de um minúsculo da América do Sul interessaria? Para além do crescimento dos estudos sobre a África, que reflete o interesse brasileiro em política externa, é na abordagem teórica e metodológica que reside o principal interesse na obra: trata-se de uma visão étnica da política, que indica novos caminhos para entender um ator que foi e continua a ser muito importante nas jovens ou renovadas democracias, as Forças Armadas, sejam elas tomadas pelas forças singulares (armada, exército e força aérea), seja em seu conjunto. Independentemente da latitude em que se encontram, tais atores são o instrumento de configuração do poder estatal, pois são eles que detêm a força na forma do monopólio das armas.

Ademais, estudos como este permitem compreender melhor as causas de crescentes fenômenos contemporâneos, como o nascimento de movimentos como o Estado Islâmico, o Boko Haran e a escalada de violência

que tem assolado a África e o Oriente Médio, com suas consequências humanitárias e ambientais para todo o globo. Compreender, pois, como se configura a identidade militar nesses países auxilia a entender outras realidades, nas quais a presença castrense na política sempre foi uma constante ou, em contrapartida, auxilia também no estudo daqueles casos em que a ausência castrense na política foi a regra.

Central no livro é o conceito de quase etnia, que deriva de uma visão étnica da política e diz respeito, nas palavras do próprio Zirker: “Por *quase etnia*, queremos compreender o comportamento que espelha ou replica alguns aspectos importantes, como o sentimento de ascendência comum e de uma história compartilhada. Extraordinariamente importante é a percepção do agente”.¹

Quase etnia vem sempre grafada em itálico, mostrando que se trata de um conceito de difícil construção, ou ainda, uma construção inacabada ou incompleta. O conceito é esmiuçado na introdução, na qual o organizador, Daniel Zirker, busca mostrar como o mundo atual, particularmente em sociedades multiétnicas, tem seus sistemas políticos fundados na intersecção entre interesses e etnia – o que se pode chamar de etnopolítica. Também neste capítulo é proposta a aplicação do modelo *quase étnico* aos países estudados, compondo um mosaico de casos que testam o próprio modelo.

A escolha dos países pode parecer aleatória, mas não o é. À exceção de Tanzânia e Uganda, apresentados em conjunto, não se trata de um esforço comparativo, cada um dos casos constituindo um universo em si mesmo. Por isso mesmo, em cada um dos capítulos é possível perceber um certo padrão de edificação militar que extrapola as origens coloniais e idade da nação. Em todos os exemplos apresentados, a identidade militar é resultado de uma ideia fundada na criação de uma etnia que foge aos padrões étnicos das suas próprias sociedades. Enfatize-se, todavia, que não se nega tais padrões étnicos, mas dá a eles outro significado.

É justamente o sentido de tradição inventada, para utilizar uma expressão de Eric Hobsbawm,² que se quer incorporar na criação de forças armadas quase étnicas. Assim, cada um dos capítulos descreve como o militar se afirma diante dos outros, seja do estrangeiro, distinguindo amigo e inimigo, seja de seus concidadãos, impregnando-se do que acreditam ser o mais representativo da nacionalidade – por exemplo, uma língua própria e singular do grupo.

Tais atributos são mostrados em cada um dos capítulos. Assim, no caso da Guiné – chamada no Brasil de Guiné Conacri para diferenciá-la da Guiné Bissau e da Guiné Equatorial –, Mamadou Diouma Bah defende que o sistema de quase etnicidade nas FFAA foi responsável pela ausência de guerras civis na Guiné, mas não foi suficiente para gerar um regime demo-

crático, cujo desenvolvimento depende da subordinação militar às autoridades civis, condição mesma de construção de uma sociedade civil no país.

Ibikunle Adeakin debruça-se sobre o caso da Nigéria, mostrando que este é o país de maior diversidade étnica do mundo. Aqui também a construção de uma identidade quase étnica nas FFAA foi importante fator de coesão da própria sociedade. A base sobre a qual se assenta esta quase identidade das FFAA nigerianas está no desenvolvimento de uma linguagem própria, um “inglês militarizado” que a distingue dos sem números de dialetos presentes no país.

O organizador é responsável pelo único estudo comparado do livro, que trata de “contrastar similaridades” na construção quase étnica das FFAA da Tanzânia e de Uganda. Nesses países a identidade militar quase étnica foram “inventadas rápida e intencionalmente”, resultando na “politização castrense e militarização da sociedade civil” para o primeiro e no “*lumpen militariat*” em Uganda.

Já no Quênia, estudado por Thomas Stubbs, aponta-se que os militares não foram capazes de construir uma identidade quase étnica nas FFAA. Ao contrário, a etnia continua a ser “principal instrumento de carreira e oportunidades”. Todavia, esta identidade não representa intensa participação na política; ao contrário, esse é um caso de combinação entre autonomia militar e respeito às autoridades civis.

Compondo um exemplo de país norte-africano, Yassine Belkamel apresenta a Argélia que, diferente dos demais casos, criou FFAA únicas, seculares e unidas pela ideologia, não reguladas pela multiplicidade étnica da sociedade. Todavia, a construção do Estado do qual são parte as FFAA, privilegiou um comportamento que continua a gerar violência, especialmente contra os mulçumanos e os berberes, que impede a construção de um regime verdadeiramente democrático.

O único caso não africano fecha o livro. Escrito por Paulo Gustavo Pellegrino Correa, ele trata do Suriname, país sul-americano cuja independência foi bastante tardia, em 1975. Na falta de uma tradição para erigir suas forças armadas, o afastamento de cada grupo étnico em particular foi instrumental para a construção das FFAA surinamesas. No entanto, não se aproveitou a presença de problemas clássicos de defesa – o Suriname vive à beira da guerra com seus vizinhos em razão de problemas de fronteira – para profissionalizá-las e, da mesma forma que os outros casos estudados, não foi suficiente para afastá-las do poder ou garantir a democracia.

Os grandes ausentes da edição são os mapas e desenhos. De fato, nenhum dos autores localiza geograficamente o país de estudo ou representa graficamente suas diferenças étnicas. Apenas Correa apresenta um quadro com a atual composição percentual da população surinamesa. Para os não

iniciados, tal ausência limita a compreensão do fenômeno enfocado. Apesar disso, entretanto, como dito no início, trata-se de um importante livro, cujo principal conteúdo está no desenvolvimento de um novo modelo, baseado no conceito de quase etnia, para pensar as FFAA e sua inserção nas jovens democracias.

Palavras-chave: forças armadas, identidade, quase etnia, democracia.

NOTAS

1. Tradução livre de “By *quasi-ethnicity*, we mean to say *behavior that mirrors or replicates* in some important ways a sense of *shared common descent and/or history*. Perceptions are extraordinarily importante in this regard” (Zirker, 2015, p. 5, ênfases no original).
2. Título do livro escrito por Eric Hobsbawm em conjunto com Terence O. Ranger e traduzido no Brasil por Celina Cardim Cavalcanti (Paz e Terra, 1984).

Recebido em: 08/02/2016. Aprovado para publicação em: 18/02/2016.